

Atlântida: Uma Comunidade Luso Brasileira em Construção

Janaína Ribeiro Pinto da Silva*

Resumo:

Entre os anos de 1915 a 1921, a Revista Atlântida – Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brasil, noticiava dentre os seus inúmeros artigos: anúncios, eventos, poemas e críticas artísticas, de Brasil e Portugal. A revista publicava, sobretudo, textos que buscassem voltar a ascender e elevar o sentimento luso brasileiro através de fatos históricos comuns aos países irmãos, com o propósito da criação de uma comunidade luso brasileira.

Palavras chaves: Atlântida e Luso Brasileiro.

Abstract:

Between the years from 1915 to 1921, the Magazine Atlantis – Artistic, Literary and Social Monthly publication for Portugal and Brazil, was announcing among his countless articles: announcements, events, poems and artistic criticism, of Brazil and Portugal. The magazine was publishing, especially, texts that would raise again and lift up the Portuguese and Brazilian feeling through historical common facts to the countries brothers, with the goal of creating a Brazilian Portuguese community.

Keywords: Atlantis and Brazilian Portuguese.

“(...) Deste modo a Atlântida surge com um pouco de espírito aventureiro dos velhos navegadores portugueses e com muito da energia ardente e moça que deu ao Brasil o seu esplendor de civilização (...) Ela será como uma grande voz, de múltiplos ecos, a vibrar na mesma palavra de amor sobre as duas margens distintas do vasto oceano, que a leva cantando e cantando a faz voar d'onda em onda...”. (BARROS, 1915: 15-16).

João de Barros relata na citação acima, sua vontade e entusiasmo de unir as duas nações num mesmo sentimento e impressões políticas e intelectuais. Conta de forma emotiva e poética sua viagem e encontro, em 1912, com João do Rio e o seu desejo ardente de aproximar as duas nações, por isso a primeira matéria da revista expõe isto, a concretização deste sonho de João de Barros e do Rio.

Fundada por João de Barros e Paulo Barreto, a Revista Atlântida (1915-1921) constituiu o mais expressivo veículo de divulgação de um grupo de intelectuais, que

* Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Titulação: Não Graduado/ Estudante.

defendiam um projeto político-cultural, com a finalidade da criação de uma comunidade luso-brasileira. A Atlântida se diferenciava das demais congêneres pelo caráter binacional, sobretudo no que diz respeito à sua direção, compartilhada pelos dois fundadores. Nas páginas da Atlântida figuravam contribuições da nata da intelectualidade que atuava no eixo Lisboa Rio de Janeiro.

O periódico apareceu pela primeira vez em Lisboa, a 15 de novembro de 1915. Ao que parece, a data escolhida pretendia homenagear a passagem do vigésimo sexto aniversário da proclamação da República no Brasil. Os artigos abordavam fatos que despertavam a identidade luso-brasileira, identidade esta desconhecida pela falta de esforços das duas nações.

“(...) Portugal, que soube conquistar para si um dos grandes capítulos da história universal, é fonte legítima de uma civilização de uma tradição e, que o Brasil tem que colocar sempre, acima da sua “americanidade” e até de sua “latinidade” a sua emancipada e ativa “lusitanidade”, para poder manter entre os outros povos da América verdadeira autonomia, não só territorial, mas moral e histórica”. (DA REDAÇÃO DA REVISTA, 1916: 200).

Os autores escrevem a missão da revista:

“Tornar mais decisivamente amigáveis e íntimas as relações luso-brasileiras, ou, para melhor dizer, contribuir para o melhor esplendor, vigor e brilho da língua, da literatura e da solidariedade lusitanas”.(DA REDAÇÃO DA REVISTA, 1916: 03).

Neste artigo os criadores da revista anunciam o segundo ano da publicação da revista. Os autores afirmam que o êxito e o sucesso da revista se davam por que o público português e brasileiro exigia um órgão comum de aspirações e interesses, um laço comum de aproximação intelectual e moral.

A Atlântida não possuía um corpo editorial permanente. Os trabalhos de redação e de impressão se realizavam em Lisboa. A publicação possuía uma estrutura formal bem simples: na primeira figuravam artigos abordando temas políticos, históricos, literários e artísticos. Em seguida, apareciam três seções fixas, a saber: “Revista do Mês” (uma espécie de síntese dos principais acontecimentos do período); “Livros” (segmento destinado à divulgação dos lançamentos editoriais mais recentes e de resenhas críticas); “Notícias e Comentários” (segmento aberto às cartas de leitores e observações do gênero). Havia espaço, também, para

publicidade paga, com a veiculação de anúncios de empresas, escritórios, bancos e lojas sediados em Portugal ou no Brasil.

Porém, na revista, afora os editoriais de João de Barros e de João do Rio, assinaram artigos: Julio Dantas, Olavo Bilac, Teófilo Braga, Velloso Rebello, Affonso Lopes e Moreira Telles. A concepção do periódico culminou com os anseios dos intelectuais de ambas as nações, que atentos buscavam consolidar uma estreita solidariedade e cooperação entre os países.

Os redatores defendiam que as páginas da Atlântida tinham colaborado com os nomes mais ilustres das letras, das artes e da ciência do Brasil e de Portugal. As questões de maior interesse para as relações mútuas dos dois países, como o problema literário e filosófico, o problema econômico, o problema comercial, a navegação, o tratado literário, etc., haviam sido versados por indiscutíveis competências, e com uma liberdade de crítica e de opinião de que já se tinha perdido costume.

Em conseqüência, os redatores, em nome da Atlântida, promoviam diversos eventos e convenções nos dois países. Logo, em 1916 a revista realizou uma série de conferências sobre: o Brasil, em Lisboa e no Porto, e, no Rio de Janeiro e em São Paulo, sobre Portugal. Essas conferências propostas seriam feitas pelas personalidades mais eminentes da sociedade brasileira e portuguesa e seriam publicadas integralmente nos volumes seguintes da Atlântida.

É importante ressaltarmos, que a fundação do periódico estava articulado com o contexto político e cultural luso brasileiro das primeiras décadas do século XX. Visto isto, a linha programática proposta pelos fundadores da revista (em especial o projeto de criar uma comunidade luso brasileira), estava relacionado inclusive, com o panorama das relações internacionais e a conjuntura da Primeira Grande Guerra Mundial.

Baseado nisto, os autores e personalidades que passaram pelo periódico, destacaram em suas matérias, que os brasileiros e portugueses teriam de pensar mais do que nunca naquele momento, em estreitar suas relações culturais, políticas e econômicas, podendo-se ir muito além de uma simples aliança.

No artigo tratando da questão da navegação para o Brasil, (publicado em 15 de novembro de 1915, vol. II), Moreira Telles evidencia que as entidades políticas, comerciais e financeiras estavam empenhadas na solução do velho problema que era de grande importância econômica para Portugal. Pois o país já havia perdido na época, espaço devido à competição de outras raças, como a organização marítima da Alemanha que havia conquistado os mercados da América do Sul e do Norte.

Com carreiras no Brasil, a Alemanha havia apropriado na ocasião mercados no norte do país. Algumas das suas indústrias floresceram com o consumo no Brasil, o que nunca ocorreria se ficasse sujeita aos recursos de companhias estrangeiras de navegação. Os povos do norte também julgavam a circunstância oportuna para o estabelecimento de carreiras de navegação para o Brasil.

"Assim fizeram a Suécia e a Noruega, criando tipos novos de navio, adequados aos seus gêneros de comércio, no simples propósito do desenvolvimento do intercâmbio comercial com o Brasil, onde as colônias são diminutas e sem os interesses colossais do povo lusitano. E assim procedeu também a Holanda, que, após a surpresa do torpedeamento do Tubântia, voltou a restabelecer a carreira da América do Sul". (TELLES, 1915:63).

Portanto, todas as nações estavam preparando-se, diante das hostilidades, para a guerra econômica futura, no intuito de suplantarem de vez o inimigo comum, a indústria e o comércio alemão.

No entanto, as matérias em si abordavam fatos que despertavam a identidade luso brasileira. No artigo, intitulado: "Relações Luso-Brasileiras", (escrito por João de Barros e publicado na revista, em 15 de janeiro de 1917, vol. I), salienta-se, a importância da criação de uma cadeira de estudos brasileiros na Universidade de Portugal, sendo este ato oficial considerado como uma coroação à toda obra de aproximação, em que a revista "Atlântida" já vinha se empenhando; pois esta cadeira contribuiria forçosamente para uma maior aproximação e intercâmbio: intelectual, cultural e econômico entre Brasil e Portugal.

Visto isto, a aproximação entre os dois países era defendida pela dupla de intelectuais não apenas pelas simpatias espirituais das tradições do passado, mas também pela conveniência do futuro.

Em linhas gerais, revistas de idéias e cultura costumavam ter vida efêmera, abreviada, na maior parte das vezes, pela escassez de recursos. A Atlântida foi uma exceção. Circulou regularmente entre 1915 e 1921. Ao longo de sua existência, de quase seis anos, o órgão manteve uma linha editorial coerente com objetivos traçados por seus fundadores. Assim, ao lado da permanente reflexão doutrinária acerca da conveniência da criação de uma comunidade luso-brasileira, a revista ocupava-se de questões literárias, históricas e artísticas contemporâneas, o que lhe conferia um alcance ao mesmo tempo político e cultural.

Bibliografia:

BARROS, João de. *A aproximação Luso-brasileira e a Paz*. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1919.

BARROS, João de. *Alma do Brasil*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da “A Noite”, 1937.

BARROS, João de & RIO, João do, *Revista Atlântida: Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brazil*. Lisboa: Instituto Açoriano de Cultura, 1915-1921.